

#7 DIFERENCIAL

JORNAL DE ESTUDANTES DO IST



SOCIEDADE DISTÓPICA

- CRISPR/CAS9 - vivemos a ficção científica - pág. 3.
- Sexualidade: da repressão à liberdade - pág. 4.
- O mal comum - pág. 6.
- Consumos e consumismos - pág. 8.
- Brechas nos pilares do mundo digital - pág. 10.
- Anatomia da ajuda - pág. 11.

Edição de Primavera

#7

Os resultados das eleições italianas do passado dia 4 de Março são mais um sintoma daquilo que parece ser uma doença que tem vindo a abalar o status quo político da União Europeia: a queda dos partidos tradicionais do centro e a ascensão de movimentos e partidos populistas e/ou anti-sistema.

Foi assim em França, com o triunfo do En Marche de Emmanuel Macron - dissidente do Partido Socialista e um convicto opositor do sistema político-partidário francês - na Alemanha com o AfD (Alternative für Deutschland), movimento xenófobo e anti-imigração que conseguiu, de uma só assentada, a entrada no Bundestag e a passagem a 3ª maior força política na Alemanha. E agora, em Itália, onde o movimento fundado em 2009 pelo palhaço Beppe Grillo, o 5 Stelle, venceu as eleições, e a Lega Nord, um partido de bastidores de pendor nacionalista e anti-islão que passou a ser o 3º maior partido de Itália.

Para além das reviravoltas eleitorais na Europa, do outro lado do Atlântico, há um ano, Donald Trump, arrebatou as eleições contra todas as expectativas. Por outro lado, na China, Xi Jinping acaba de ver aprovada uma lei que põe fim à limitação de mandatos, o que lhe permite manter-se no poder indefinidamente.

O denominador comum de todos estes acontecimentos é claro: o enfraquecimento dos valores democráticos. Importa por isso refletirmos de onde viemos, o que foi feito para aqui chegarmos e para onde caminhamos. E nesse exercício existem dois livros que nos podem fornecer uma ajuda valiosíssima: 1984 e Admirável Mundo Novo.

Hipérboles do presente, estes dois livros permitem-nos olhar a realidade com um sentido crítico que nos faz antecipar um futuro que queremos evitar a todo o custo. E é precisamente com esse sentido que surge esta edição. Uma edição que surge como um preâmbulo para o debate que o Diferencial irá organizar em Maio deste ano com o tema: “Um Confronto de Distopias: 1984 VS Admirável Mundo Novo”.

..Afonso Anjos

DIREÇÃO.

Afonso Anjos, Francisco Moreira de Azevedo e Miguel Duarte.

REDAÇÃO.

Afonso Anjos, Ana Glória Cruz, Ana Lúcia Tiago, Ana Sofia Carmo, Beatriz Coelho, Bernardo Leite, Francisco Moreira de Azevedo, Joana Brito, Lourenço Teodoro, Miguel Duarte e Miguel Ferreira.

REVISÃO.

Ana Glória Cruz, Ana Lúcia Tiago, Ana Sofia Carmo, Beatriz Coelho e Madalena Theriaga.

GRAFISMO E EDIÇÃO GRÁFICA.

Afonso Anjos e Madalena Antunes.

IMAGEM DA CAPA

Catarina Allen.

GESTÃO DE PLATAFORMAS ONLINE.

Francisco Moreira de Azevedo.

APOIOS



* - O Jornal Diferencial é escrito ao abrigo do Novo Acordo Ortográfico, mas, conforme a escolha de cada redator, os artigos que não seguirem essa regra serão assinalados com um asterisco no subtítulo.

CRISPR/CAS9 - VIVEMOS A FICÇÃO CIENTÍFICA

Atualmente, existem várias formas de alterar o material genético de um organismo. Recentemente, este processo tornou-se muito mais fácil, rápido e barato, através do desenvolvimento de uma técnica denominada CRISPR/Cas9.

por Ana Glória Cruz

Esta tecnologia surgiu da descoberta de um tipo de sistema imunitário de uma bactéria, tendo sido rapidamente aplicada à edição de genes. Para isso, serve-se da capacidade de uma proteína, denominada Cas9, de cortar o genoma num certo local. A sua ação é guiada para a zona de interesse por uma sequência de RNA fácil de sintetizar, sendo que, após fragmentação, se pode inserir a mutação pretendida.

Desde 2012^[1] que têm surgido numerosos estudos acerca das aplicações desta nova tecnologia na edição de genes. Muitas destas potencialidades assemelham-se imediatamente a milagres, prometendo o aumento da longevidade e qualidade de vida humana.

O CRISPR/Cas9 possibilita, por exemplo, a criação de modelos animais^[1] para o estudo de doenças genéticas humanas, as quais são causadas por mutações altamente variáveis entre indivíduos. Assim, permite o desenvolvimento de novas formas de tratamento personalizadas e a antecipação da evolução da doença. O CRISPR, contudo, pode ir mais além, pois também proporciona a terapia direta de certas doenças, como o cancro. De facto, foram inclusivamente aprovados os primeiros ensaios clínicos^[1] nesta área, em que serão modificadas células do sistema imunitário humano, de forma a atacarem células tumorais de diferentes tipos de cancro.

Porém, nem tudo o que o CRISPR promete é recebido de forma calorosa. Em 2015, um grupo de investigadores chineses editou o genoma de embriões humanos pela primeira vez, tentando assim curar a talassemia^[2]. Contudo, obtiveram um baixo nível de especificidade para o local de corte do genoma, o que sugeriu que a técnica tem ainda de ser aperfeiçoada antes ser utilizada de forma segura. Esta tentativa suscitou, contudo, muita agitação na comunidade científica, sendo que grande parte concordou até mesmo em abster-se de realizar alterações herdáveis ao genoma humano^[3]. As consequências de um futuro em que nascem bebés geneticamente modificados são imprevisíveis.

Com o CRISPR/Cas9, o papel do humano como habitante do planeta torna-se também mais difuso, porque este nos oferece o potencial de alterar uma espécie inteira^[4], através da inclusão do próprio mecanismo em organismos geneticamente editados. Desta forma, as alterações genéticas produzidas são herdadas totalmente pela descendência, violando as regras de Mendel, fenómeno ao qual se dá o nome de “gene drive”. Assim, é possível, por exemplo, criar mosquitos que não transmitam malária e eliminar completamente os que lhe servem de vetor. De forma semelhante, seria concebível acabar com espécies invasoras, prejudiciais a um dado habitat, “transformando” os indivíduos exclusivamente em machos. Simultaneamente, qualquer negligência significaria consequências catastróficas.

Assim sendo, resta-nos confiar no sentido de responsabilidade e ética de quem realiza este tipo de investigação. Por ser relativamente fácil, pode considerar-se até perigosa, pois assim torna-se mais suscetível a todo o tipo de intenções. Em cima da mesa estão várias hipóteses, cada uma mais maravilhosa e aterrorizadora do que a outra. A quem podemos delegar a tarefa de definir a fronteira entre o que é absolutamente necessário e o que é disparatadamente arriscado? Creio que ninguém gostaria de desempenhar esse papel. No fundo, é assumir a tomada de uma decisão demasiado humana, a qual, ao mesmo tempo, acaba por transcender essa condição.

[1] <http://www.crisprupdate.com/>

[2] <https://www.nature.com/news/chinese-scientists-genetically-modify-human-embryos-1.17378>

[3] <https://www.nature.com/news/scientists-sound-alarm-over-dna-editing-of-human-embryos-1.17110>

[4] https://www.ted.com/talks/jennifer_kahn_gene_editing_can_now_change_an_entire_species_forever

SEXUALIDADE: DA REPRESSÃO À LIBERDADE

De que forma a liberdade sexual é essencial para a liberdade e para o pensamento crítico?

por Afonso Anjos

Diz-nos a Bíblia que toda a mulher que viva com um homem, sem ser casada, vive em concubinato e que qualquer ato sexual entre os dois é considerado fornicação. Em linha com o raciocínio anterior, o cardeal patriarca de Lisboa, D. Manuel Clemente, veio recentemente aconselhar a abstinência sexual a todos os casais recasados que não tenham obtido a nulidade do casamento anterior.

Embora estas palavras tenham sido recebidas com incredulidade e até alguma comicidade, a verdade é que esta tentativa de ditar o comportamento sexual das pessoas é na realidade um laivo da velha e ancestral prática da Igreja Católica de tentar restringir a liberdade sexual dos seus crentes. Através de uma forte doutrinação inerente a conceitos como ‘adulterio’, ‘imoralidade’ ou ‘profanação’, aquela conseguiu, ao longo de séculos, inculcar um sentimento de culpa que mesmo assim não foi capaz de fazer desaparecer os comportamentos ‘adúlteros’, ‘imorais’ e ‘profanos’ que ambicionava eliminar.

No entanto, no que esta doutrina foi realmente eficaz foi na criação de várias gerações de indivíduos sexualmente recalcados. Até que ponto este controlo da conduta sexual pode ter influenciado a subserviência dos cristãos e a hegemonia cultural e espiritual da Igreja durante a Idade Média que, por sua vez, afundaram a civilização europeia num mar de trevas?

Para esta discussão partimos de dois livros, 1984 e Admirável Mundo Novo (Brave New World no original), escritos por dois ingleses no séc. XX, Orwell e Huxley, respetivamente. As histórias destes dois livros são sobejamente conhecidas: ambos

apresentam sociedades distópicas em que uma elite consegue manter-se no poder à custa da subtração do espírito crítico aos restantes indivíduos.

Importa, por isso, refletir sobre a abordagem de cada um dos livros à sexualidade. Se, em Orwell, o instinto sexual é reprimido e castigado e a monogamia obrigatória, em Huxley, por outro lado, o primeiro é incentivado desde tenra idade e a segunda recriminada. As perspetivas não podiam ser mais antagónicas, mas a verdade é que o objetivo é o mesmo, a subtração do espírito crítico. Para compreender esta contradição exponhamos alguns factos científicos sobre o assunto.

No dealbar do séc. XX, Freud trouxe à humanidade um inestimável contributo para o conhecimento da psique e do comportamento humanos. Uma das suas principais descobertas foi que as “instâncias morais do ser humano” em vez de serem características

inatas são, pelo contrário, determinadas pela educação dada pelos pais durante a infância. Nesse sentido, a repressão sexual, que se inicia nessa altura, começa por criar conflitos entre os desejos do indivíduo e as proibições dos pais, sendo mais tarde assimiladas pela moral. Assim, a moral atua no indivíduo durante a vida inteira como uma forma

de repressão que contraria os seus impulsos sexuais.

Sociólogos como Reich, Marcuse e Browne tentaram perceber as implicações desta descoberta na estrutura dos sistemas sociais. Diz-nos Reich, em Psicologia de Massas do Fascismo que “a estruturação autoritária do homem se processa através da fixação das inibições e medos sexuais na matéria viva dos impulsos sexuais [sendo que assim] a proibição sexual causa uma paralisação geral do



pensamento e falta de espírito crítico, [cujo objetivo é a transformação do indivíduo num] súbdito da ordem autoritária, suportando-a apesar do sofrimento e humilhação”.

«Do recalamento sexual resulta outra força que “apoia ativamente a ordem autoritária»

Ou seja, segundo Reich, um indivíduo que seja submetido a uma repressão sexual desde a infância é mais permeável à subjugação por outros indivíduos. Estes sociólogos registaram, também, que do recalamento sexual resulta outra força que “apoia ativamente a ordem autoritária”. A origem desta força é a satisfação dos impulsos sexuais reprimidos nas manifestações da ordem autoritária. Veja-se, por exemplo, o mecanismo libidinoso do militarismo com os seus militares em uniformes elegantes ou o efeito excitante do ritmo dos tambores que pontuam os desfiles militares, tanto na realidade como em 1984.

Por seu turno, na parábola de Huxley, mais do que as implicações diretas da liberalização sexual na psique humana, o autor foca-se nas consequências que a promiscuidade tem nas relações sociais e interpessoais. A abordagem huxleyana argumenta que a liberalização sexual, a par do condicionamento levado a cabo durante a infância, conduzirão ao desaparecimento de relações amorosas e, por conseguinte, ao fim do amor e da paixão.

Desta forma, a inabilidade de sentir emoções profundas, aliada à toma do soma - uma droga que deixa os Brave New Worlders ligeiramente anestesiados e que estes tomam sempre que se sentem frustrados, desiludidos ou tristes - leva a que os personagens vivam vidas superficiais e desprovidas de espírito crítico.

Assim a liberalização ou, se quiserem, a democratização dos costumes sexuais surge integrada num contexto mais alargado que visa, em primeira instância, a alienação. Nesse sentido, os habitantes do Admirável Mundo Novo vivem num estado de felicidade constante. Uma felicidade relativa que mantém os cidadãos num estado de apatia, tal como nos diz Neil Postman no final do livro

Amusing Ourselves to Death: “(...) aquilo que afligia as pessoas de Admirável Mundo Novo não era estarem a rir-se em vez de pensar, mas sim não saberem do que se estavam a rir e terem parado de pensar.”

Posto isto, importa talvez notar que Huxley, para além de ter feito vista grossa às teorias de Freud, parece ter sido incapaz de conceber relações sexuais guarnecidas de sentimento e paixão fora de uma relação monogâmica. Esta será talvez a implausibilidade maior no seu relato distópico. Até porque a História nos mostra que, em determinados momentos, a liberalização dos costumes sexuais conduziu a um maior auto-conhecimento e respeito mútuo. Veja-se, por exemplo, a sociedade Apache do início do séc. XIX onde os membros das tribos gozavam de uma liberdade sexual quase total. Socialmente, os seus membros viviam naquilo que se poderia designar de associação livre em oposição à associação involuntária que é a base da existência dum Estado. Desta forma, e neste caso, a liberalização dos costumes sexuais trazida à tona por Huxley conduziu não à fortificação do Estado, mas ao seu desaparecimento.

Em qualquer dos casos, a importância destes livros extravasa o âmbito das profecias científicas que se propõem fazer e torna-se, por isso, um marco incontornável do espírito humano. A sua virtude reside precisamente no apelo feito à valorização do espírito crítico, quer seja numa sociedade capaz de escrutinar os seus superiores, quer seja no plano individual pelo questionamento da própria vida e existência.

«A liberalização ou, se quiserem, a democratização dos costumes sexuais surge integrada num contexto mais alargado que visa, em primeira instância, a alienação»

Passadas décadas e séculos desde a publicação destes livros, as profecias científicas tornar-se-ão certamente obsoletas, mas essa virtude permanecerá intemporal.

O MAL COMUM

Hoje é um novo dia. Tal e qual o anterior. De manhã, ouves um colega a contar a mais recente notícia do dia, abres o jornal, o feed de notícias e vêes aquilo a que já te habituaste: uma nova medida drástica de Donald Trump, a dívida aumenta, a neutralidade da internet em perigo, um atentado num país da europa central. Resumindo, “más” notícias. Não te faz impressão a leveza com que estes temas são referidos?

por Francisco Moreira de Azevedo

Então pensa como reages quando os vêes todos os dias por todo o lado, de relance numa televisão ou num esporádico scroll online: o que fazes nesse exacto momento? Discutes o assunto com o teu colega, comentas com o senhor do bar, conformas-te com a situação actual? Ou será que tentas procurar mais informação, procurar como ajudar não te contentando com o que o mundo te mostra?

Dois caminhos possíveis, dois potenciais de acção diferentes, uma escala de cinzento no meio. A realidade é que, apesar de sermos humanos dotados de compaixão, poucas vezes a utilizamos como catalisador da acção, porque a acção dá trabalho, é um sacrifício, e custa reconhecer que há coisas erradas a nível mundial e que, como indivíduos, pouco fazemos em relação a isso. A desresponsabilização social é este fugir de forma esquiva dos temas negativos da sociedade que nos assolam: “oh isto vai ser sempre assim, é sempre o mesmo, é uma desgraça; quem é que vai mudar isto, tu e eu? Isto está para além de nós; achas que uma pessoa normal consegue fazer isso? Isto tem de ser alterado através de um movimento, tem de ser a sociedade a fazê-lo”. O modo como ignoramos o elefante na sala é uma arte e nós somos o mestre.

A forma de lidar com estes problemas utiliza estes dois mecanismos. O primeiro, quase inconsciente, é a forma como nos tornamos insensíveis a este tipo de notícias: o que antes era um grande problema torna-se banal. O segundo, falo de pecador para pecador, é a forma como lidamos com eles quando ressurgem, através da desresponsabilização social. A nível pessoal, reconheço que isto faça parte da natureza humana, que seja daquelas constantes inalteráveis, mas é necessário realçar aquilo em que este tipo de (in)acções se traduz.

Sempre achei engraçado como os ditados populares revelam uma perspectiva correcta e simples sobre a vida. Muitas vezes se ouve “Quem cala consente” o que é uma ideia simples – significa que a tua inacção é um consentimento da acção dos outros. Da mesma forma que é utilizada de forma positiva pode ser explorada de uma forma negativa.

Sabemos que, neste século (aprendemo-lo com um passado bem próximo), o movimento de massas é um fenómeno natural: de uma faísca cria-se um incêndio, alimentado por uma massa sempre disposta a pôr madeira na fogueira. A faísca, mais uma vez, pode ser uma faísca para o bem ou para o mal, apelando, na maioria das vezes, à emoção das pessoas em vez da razão. Não é claro a este ponto o quão perigosa

«A desresponsabilização social é este fugir de forma esquiva dos temas negativos da sociedade que nos assolam»

é a nossa inacção? Se uma massa influenciada negativamente é um incêndio em pequena escala, a nossa inacção é o carvão que permite a permanência do mesmo.

O golpe final resultante da nossa inacção é o seu poder de nos influenciar a longo prazo de forma surpreendente. Propostas descabidas e afirmações polémicas são uma constante no governo do presidente dos EUA, desde a construção de uma barreira na fronteira com o México (que realmente está a acontecer), até à negação do aquecimento

global. Existe um efeito secundário de muitas das acções e afirmações de Trump: ao realizá-las, mesmo que não venha a dar-lhes vazão e sejam desconsideradas, somente por terem existido, Trump habitua-nos lenta e acumulativamente a realidades

«A filósofa alemã concluiu que o mal não faz parte da natureza humana, que é político e histórico, dependente de contexto: a banalização do mal resulta de um vazio no pensamento crítico dos Homens»

diferentes, alterando a nossa noção do que é “normal”. É como se houvesse uma janela daquilo que é moral ou apenas aceitável pela comunidade a deslizar entre dois extremos, o nosso pior pesadelo (uma distopia) e o que de mais de nobre há: a resolução dos problemas mundiais, o avanço do conhecimento, a paz, etc. Esta janela pode encurtar-se, expandir-se ou deslizar. Trump descobriu que com um discurso pouco ortodoxo consegue adquirir poder e influenciar o deslize desta janela “moral” para um conjunto do espectro que antes era considerado imoral. Simultaneamente, aquilo que antes era uma ambição nobre (como a erradicação da pobreza) é agora um sonho de loucos, um absurdo.

Tudo isto culmina num ponto essencial: de que o mal tem potencial para se difundir e se tornar comum através da inacção do indivíduo e manipulação de massas. É comum no sentido de ser algo que se partilha entre várias pessoas (comum a todos) e, simultaneamente, por se tornar banal. Isto não é uma coisa nova. Para demonstrá-lo vamos dar um salto na história: após a segunda guerra mundial, houve um julgamento dos membros da liderança da Alemanha Nazi, o julgamento de Nuremberga, onde muitos líderes foram condenados à morte por enforcamento ou prisão perpétua. O que muitas vezes passa despercebido é que houve um outro conjunto de julgamentos secundários chamados

“Processos de Guerra de Nuremberga” onde foram analisadas as acções de homens “comuns” – médicos, juristas, oficiais que colaboraram directamente no holocausto.

A justificação da inacção destes homens comuns é simplesmente a de que estavam a fazer o seu dever, a cumprir ordens superiores com zelo e eficácia independentemente de saberem ou não que os prisioneiros iriam servir de escravos ou ser queimados em campos. Este tipo de pensamento foi cunhado com o termo “Banalidade do mal” no livro Eichmann em Jerusalém de Hannah Arendt. A filósofa alemã concluiu que o mal não faz parte da natureza humana, que é político e histórico, dependente de contexto: a banalização do mal resulta de um vazio no pensamento crítico dos Homens.

Agora, concluindo, faço a transposição para os dias de hoje: de que forma difere este deslize da janela “moral”, da banalidade do mal de Arendt? De que forma é a nossa inacção menos condenável do que a de muitos homens “comuns” no tempo do holocausto?

Tudo isto parte do pressuposto que nós (“as pessoas” como todos dizem, não se incluindo no degredo, como se inocentes fossem) enquanto colectivo, somos apáticos face a estas ameaças: não nos importa o suficiente para mudarmos o que quer que seja no nosso comportamento. O problema essencial nem é a apatia, mas sim a inércia. É fácil cair nas desculpas e hipocrisias dos outros porque no final do dia todos somos adversos à mudança, somos animais de hábito, sendo o conformismo a palavra de ordem.

Todavia, há uma alternativa a esta paisagem fatídica e, por mais foleiro que soe, parte de cada um. Muitas pessoas fixam o seu objectivo de vida em ter impacto no mundo, em mudar as pessoas, em ajudar os outros. Isso é bonito enquanto ideia, mas acaba por ser só isso: uma ideia de herói romantizada pela nossa cultura, sendo pouco provável que se realize nesses moldes. Uma inversão deste pensamento resulta numa perspectiva que faz muito mais sentido e que é muito mais própria de cada indivíduo: não precisamos de ser heróis do mundo, talvez só precisemos de ser heróis por nós próprios, nas pequenas interacções que temos diariamente. Talvez, deste modo, sejamos menos hipócritas perante a sociedade.

CONSUMOS E CONSUMISMOS

Thomas Malthus propôs em 1803 que a população mundial crescia exponencialmente e que a produção alimentar crescia aritmeticamente, dando origem a inevitáveis e catastróficas escassezes de recursos. Estima-se que, por essa altura, pouco mais de um milhar de milhão de seres humanos populassem a Terra. Duzentos anos depois, o número não só o número é sete vezes maior como há perspectivas de que atinja os 11 mil milhões em 2100.*

por Miguel Duarte

Num artigo publicado pela United Nations Academic Impact, estabeleceu-se que mais de 38% da área terrestre que não está coberta por gelo é hoje utilizada para produção alimentar. Ao passo que ao longo dos últimos séculos as necessidades nutritivas de uma crescente população foram supridas maioritariamente recorrendo à expansão da área agrícola, hoje em dia isso deixa de ser uma opção viável. Estimativas do crescimento do sector agrícola e pecuário requerido para alimentar o mundo nos próximos 40 anos rondam 60-100%. Sendo este um sector actualmente responsável por mais de um terço das emissões de gases com efeito de estufa para a atmosfera, este crescimento terá de ser efectuado sem recurso à expansão de plantações e, sobretudo, sem prejuízo para o ambiente.

É um facto universalmente aceite que o nosso planeta dispõe de recursos limitados e não poderá sustentar um número ilimitado de indivíduos. Soluções para o problema da sobrepopulação terão de ser encontradas e postas em prática num futuro próximo para que se assegure a existência da espécie a longo prazo. Todavia não é tanto o problema do controlo de população que quero discutir aqui mas da a eficiência com que estamos a utilizar os recursos que consumimos.

A pecuária ocupa hoje em dia 70% de toda a área agrícola e as plantações destinadas à alimentação de gado representam 33% da área arável disponível. Face ao actual número de 800 milhões de pessoas cuja nutrição encaixa na definição de “fome crónica”, não podemos deixar de nos indagar em relação à moralidade da produção de tamanha quantidade de carne.

No pódio das causas da escassez de recursos, logo a seguir à desigual distribuição de riqueza e à

escolha dos tipos de alimentos produzidos, aparece o desperdício. Estima-se que entre 30 e 40% da comida produzida se perde antes de chegar ao prato do consumidor.

Do ponto de vista das emissões de gases com efeito de estufa, o cenário não melhora minimamente para a indústria da carne. Por cada grama de proteína, as emissões da produção de carne são 250 vezes superiores às da produção de legumes, devido, maioritariamente, à libertação de metano para a atmosfera, um gás significativamente mais nocivo do que o dióxido de carbono.

«A pecuária ocupa hoje em dia 70% de toda a área agrícola e as plantações destinadas à alimentação de gado representam 33% da área arável disponível»

Um outro problema que afecta a produtividade é o da monocultura. É comum que uma discussão sobre agricultura biológica termine com uma afirmação do género “não podemos dar-nos a esse luxo”. Na verdade, como argumenta David Blume, a ideia de que a produção de comida sem químicos ou monoculturas é ineficiente é puramente falsa. Num texto publicado sob o nome “Food and Permaculture”, o aclamado especialista em agricultura regenerativa conta alguns pormenores da sua experiência como fundador de uma quinta ecológica na Califórnia. Um dos pontos principais do seu artigo consiste no facto de que um agricultor que recorre à policultura consegue retirar, em média, entre 15 e 50 Kg de comida por cada metro quadrado, enquanto o típico monocultor da Califórnia retira entre 7 e 12 Kg/m². Blume considera

que, nos dias que correm, a agricultura convencional está tão dependente da monocultura simplesmente porque esta apresenta uma enorme eficiência na relação produtividade versus mão-de-obra, muito embora falhe catastroficamente na produtividade por hectare e no impacto ambiental face a técnicas agrícolas alternativas.

Perante estes números e tantos outros da mesma natureza, torna-se impossível não ver que precisamos desesperadamente de uma mudança de paradigma. Já lá vai o tempo em que se considerava que a Terra providencia para todos e mais do que nunca nos deparamos com desigualdades assombrosas e carências a estas proporcionais que assolam a

«Por cada grama de proteína, as emissões da produção de carne são 250 vezes superiores às da produção de legumes, devido, maioritariamente, à libertação de metano para a atmosfera, um gás significativamente mais nocivo do que o dióxido de carbono.»

Humanidade. Neste sentido, parece lógico afirmar que tamanha necessidade só poderá ser colmatada ao nível institucional e que só uma alteração de acção conjunta pode ter algum impacto apreciável. Esta última é uma verdade inabalável. Hesito, no entanto, em depositar a minha confiança nas instituições. A mudança tem de nascer de baixo como uma exigência e ser implementada pelos governos como uma consequência. Quase todos os grandes sucessos na conquista de direitos civis começaram no cidadão comum que revela preocupações partilhadas por um número crescente de pessoas, e este não será diferente.

Assim, torna-se essencial reverter a lógica de consumismo desenfreado de que a nossa sociedade padece, por meio de uma escolha informada sobre a

proveniência daquilo que adquirimos. As alternativas sustentáveis já existem, falta apenas promovê-las.

«As alternativas sustentáveis já existem, falta apenas promovê-las»

É preciso que se façam mudanças a título individual, não tanto porque as consequências dessas mudanças têm um impacto real directo, mas para influenciar quem interage connosco. Ao decidir livrar-me do meu carro e andar de transportes públicos para mitigar a minha pegada ecológica, o impacto mais mensurável das minhas acções não é tanto o dióxido de carbono que o meu carro deixou de produzir, mas a influência que isso tem nos meus pares. Ao conversar sobre isso, ao ser questionado e observado, estou também a lançar esse tema à luz do dia e, inevitavelmente, a fazer outros como eu pensar sobre isso. É somente esta influência que diferencia uma acção individual de um movimento.

Extrapolando, é relativamente fácil imaginar que, quanto mais pessoas implementarem determinadas mudanças nas suas vidas, mais depressa crescerá o número de influenciados, porque tanto maior será o círculo de indivíduos em contacto com a nova possibilidade.

Considero que este é o único mecanismo que nos permite alterar o curso do mundo e, como tal, a nossa única esperança de assegurarmos uma sociedade organizada a longo prazo.

Fontes:

<https://academicimpact.un.org/content/consumerism-and-climate-change-how-choices-you-make-can-help-mitigate-effects-climate-chan-O>

<http://www.whale.to/a/blume.html>

*Este autor não escreve ao abrigo do novo acordo ortográfico

BRECHAS NOS PILARES DO MUNDO DIGITAL

Há quem pense no mundo como um paraíso em que nada há a temer. Há quem pense o contrário, temendo tudo e todos. A posição sensata estará algures no meio.

por Lourenço Teodoro

Temos razões claras para sermos otimistas, o mundo tem vindo a melhorar, através das novas tecnologias, para todos os seres humanos (basta espreitarmos sites como <https://ourworldindata.org/> para verificarmos isto), contudo, estas tecnologias surgem acompanhadas por novos perigos e devemos ter em consideração o impacto destes na nossa sociedade e, em particular, na democracia.

Falando de tecnologias que mudaram o mundo, é impossível fugir à Internet. Teve, e continua a ter, um papel importante na evolução da sociedade, sendo essencial para os mercados e para a vida de um cidadão comum de um país rico e desenvolvido como o nosso. Como tal, devemos estar atentos aos eventuais desafios relacionados com esta, tais como a Net Neutrality e o Aproveitamento de Dados, que têm ganho peso na arena mundial.

O fim da Net Neutrality

Consiste num benefício, por parte dos Internet Service Providers (ISP), de certos serviços face a outros, mediante um pagamento.

Caso a Net Neutrality acabe, podemos prever que startups sem fundos irão sofrer ainda mais para conseguirem lançar o seu produto, já que terão de competir com aqueles cujos fundos permitem comprar maior velocidade aos ISP. Um caso particular deste problema seria aquele em que os ISP favoreceriam os seus produtos face a outros. Por exemplo, no caso Português, seria o equivalente à Meo reduzir as velocidades para a Netflix de modo a tornar o Meo Go mais atraente. O público geral teme assim perder a independência que até agora a internet simbolizou, a possibilidade de ter uma voz ouvida e criar um produto relevante independentemente do dinheiro que se possui.

Por outro lado, os proponentes do seu fim defendem que a Net Neutrality oferece aos governos um maior controlo da Internet e do seu conteúdo, facilitando a

imposição de regulamentos contra certos conteúdos (tais como conteúdos de teor político considerados perigosos) e uma mais fácil monitorização da população. Defendem ainda que estes regulamentos pró-Net Neutrality favorecem monopólios de ISP, dificultando a inovação neste sector e a capacidade de competir por parte de ISP de menor dimensão (que de outra forma poderiam oferecer produtos especificamente desenhados para certos serviços a um preço menor, sendo assim mais competitivos).

Aproveitamento de Dados

Os dados que cedemos aos motores de busca e redes sociais e os dados de utilização facilitam a criação de modelos que preveem as nossas decisões, personalidade e acções futuras. Estes podem ser usados para nos colocar na chamada Filter Bubble que nos prende num mundo composto apenas por conteúdos que já estamos predispostos a ler e consumir, deixando-nos isolados do resto das opiniões divergentes. Tudo isto pode ter um impacto muito grande na democracia e no extremismo de opiniões, tal como foi visto nas últimas eleições americanas em que os lados políticos não “tinham acesso” a artigos do lado oposto (para mais detalhes pesquisar “Your Filter Bubble is Destroying Democracy”).

Ainda para mais, estas ferramentas podem ser usadas para nos controlar, seguir e tornar impossível revoltas contra entidades autoritárias, ou, mais subtilmente, influenciar a opinião pública, através das redes sociais e motores de busca, com recurso a algoritmos complexos (cuja viabilidade depende da cedência dos nossos dados).

Se queremos ter uma internet aberta e uma sociedade livre que promove o debate, a inovação e a liberdade, temos de fazer escolhas congruentes diariamente. Ao fazer um post, ao partilhar conteúdos, ao escolher um serviço face a outro, ao aceitar políticas de privacidade, todas as nossas acções têm peso e este pode mudar a balança a qualquer

momento. Por mais fácil que seja escondermo-nos na nossa aparente insignificância perante o oceano de pessoas que povoa o mundo, esta não é a opção sensata, pois essa insignificância é uma mera ilusão. Sendo um nó numa rede, temos influência directa e indirecta em centenas e até milhares de pessoas e esta é uma responsabilidade à qual não devemos fugir.

É da nossa responsabilidade tomarmos decisões conscientes e procurar incentivar isto naqueles que nos são próximos. Após tomarmos esta iniciativa, também nos cabe trazer estes assuntos para a arena política, mostrando preocupação e interesse nestes temas. Só assim poderemos dar um passo confiante para um futuro mais seguro e radiante.

ANATOMIA DA AJUDA

A intenção de ajudar um terceiro e a acção que daí decorre podem provocar danos inesperados - é por isso que o inferno está cheio de boas intenções. Assim, para escapar ao inferno, há que fazer duas coisas: primeiro, evitar a Beira Alta durante 3 meses por ano^[1] e, segundo, analisar com detalhe o conceito de ajuda. Vamos começar pelo fim.

A empatia é uma emoção fundamental: é uma malha invisível que liga as pessoas e que transforma os problemas dos outros em problemas que também são nossos. Mas a empatia não é uniforme, ou seja, não é activada em relação a qualquer problema: por exemplo, toda a gente empatiza com uma pessoa suja, doente, com fome e com sede, conseqüentemente sente-se impelido a ajudar, mas só alguém que pratique desporto e que tenha sofrido uma lesão consegue empatizar verdadeiramente com um atleta que sofra o mesmo destino. Ou seja, a empatia estabelece-se entre pessoas que tenham afinidades, agregando-as e dando origem a redes informais de ajuda.

A ajuda é um trabalho de grupo. Tudo começa com a empatia - fulano está com um problema e eu compreendo o seu problema porque temos coisas em comum - e estende-se depois à procura, em conjunto, da solução do problema. Pode dizer-se que o acto de ajudar é um encontro entre duas vontades: a vontade de alguém que quer ser ajudado e a vontade de outrem que quer ajudar. Então, para que realmente haja ajuda, é preciso que, de ambos os lados, se estabeleça um acordo acerca do modo como a ajuda vai acontecer.

Assim, a ajuda implica responsabilização e diálogo entre ambas as partes. Exige que, começando pela empatia, os envolvidos discutam os termos em que

a ajuda se pode desenrolar: quem ajuda só pode ou só quer ajudar em dadas condições e quem quer ser ajudado também só deve querer essa ajuda em dadas condições. Exemplo: se alguém vai mudar de casa e pede ajuda para fazer as mudanças às 5 da manhã, dificilmente alguém acederá a esse pedido, embora toda a gente empatize com a dor de cabeça que é fazer mudanças sozinho.

Uma interacção que se assemelhe à ajuda, e que não é ajuda, é aquela em que ou o ajudado ou o ajudante impõem a sua vontade ao outro. Não é ajuda quando quem ajuda ignora as necessidades de quem está a ajudar (creio que isto acontece sempre que se dá uma moeda a um arrumador de carros por medo que ele risque o nosso carro) ou quando quem é ajudado abusa da bondade do ajudante até ao limite do vergonhoso (quem nunca se encostou ao melhor aluno da turma em trabalhos de grupo e esperou que ele fizesse o trabalho todo?).

O valor da ajuda é maximizado quando ela é o resultado da cooperação e não do domínio de uma das partes sobre a outra. A ajuda só deve ser assim chamada e reconhecida quando os resultados da sua existência são satisfatórios tanto para quem ajudou como para quem foi ajudado. Quando isto não acontece, não se pode falar em ajuda.

[1] Vide Terras do Demo Aquilino Ribeiro

	5	4		2				7
2	6							
7		8			6		2	
		2	4		9		1	
8		3				4		2
	4		2	7	3			
	2		3			5		6
							8	1
	4			6		7	3	

		5				6		1
			5	6				8
3				4	1		9	
5		8						
			7		3			
						5		2
	9		1	8				7
8				3	9			
4		6				8		

Será Que Sabes O Que Fazes Comigo?

Sinto-me andar na contramão, é arriscado
Mas há uma diferença entre não fazer e
deixar de fazer,
Ilógico.

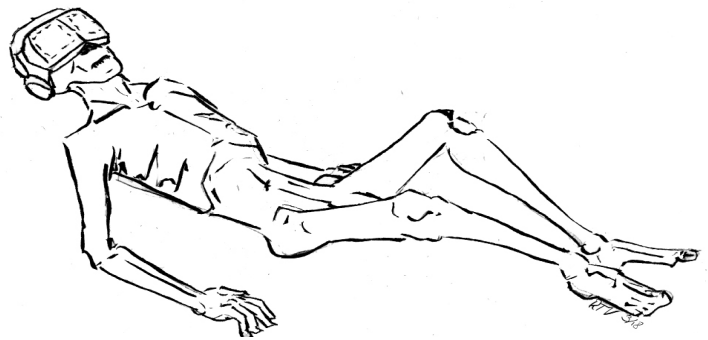
Assim é a minha vontade de te ter.

É difícil parar quando estamos tão
acostumados a fazê-lo...

Olho-te e vejo-te fora da minha zona
de conforto, és uma forma na natureza
das difíceis de serem estudadas, e, isso
desperta um misto de sentimentos em mim .

Sei que isso que sinto não é nada comparado a um tudo,
Já te eternizei no rolo da minha memória ,
Desculpa se estavas desprevinido.

Experience something
REAL



Autoria e Desenhos

Rafael Vaz

Poema

Injabulo Ikusasa

Se gostas de escrever, ou tens algo que gostasses de partilhar com os nossos leitores, este é o espaço ideal para isso!

Envia-nos o teu texto, proposta ou sugestão para:

diferencial.ist@gmail.com